

Orquestra de Câmara Portuguesa

Pedro Carneiro direcção musical
Filipe Quaresma violoncelo

13 Mai 2019 • 21:00 Sala Suggia



casa da música



ORQUESTRA
DE CÁMARA
PORTUGUESA

PEDRO CARNEIRO
0219 141110

PARCEIROS OCP SOLIDÁRIA



PATROCINADOR OCP SOLIDÁRIA



PARCEIROS INSTITUCIONAIS



PARCEIROS JOP



PARCEIROS DE SECTOR

AUDITOR

JURÍDICO



MEDIA



APOIO



A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



1ª PARTE

Joseph Haydn

Abertura da ópera *L'Isola disabitata* (1779; c.8min)

György Ligeti

Concerto para violoncelo (1966; c.15min)

[Dois andamentos sem título]

2ª PARTE

Wolfgang Amadeus Mozart

Sinfonia em Dó maior, KV 425, "Linz" (1783; c.30min)

1. *Adagio – Allegro spiritoso*
2. *Poco adagio*
3. *Menuetto*
4. *Presto*

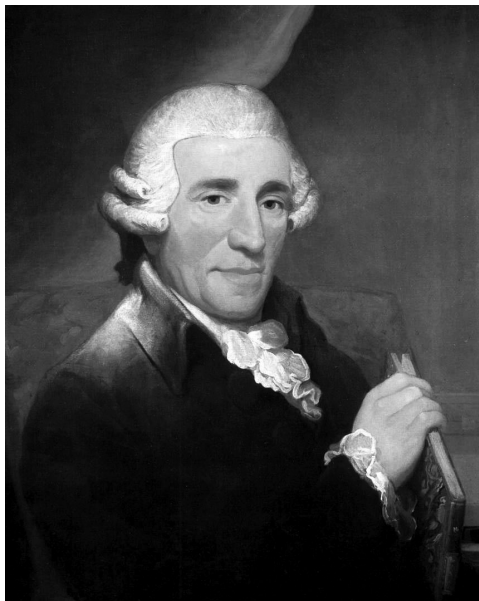
Joseph Haydn

ROHRAU (ÁUSTRIA), 31 DE MARÇO 1732

VIENA, 31 DE MAIO 1809

Abertura da ópera *L'Isola disabitata*

Escrita em 1752 por Pietro Metastasio, o célebre autor de libretos de múltiplas óperas do século XVIII, a peça de teatro *L'Isola disabitata* (A Ilha Deserta) serviu de base a uma das óperas que Haydn escreveu enquanto *Kapellmeister* ao serviço da corte da família Eszterházy. Todos os anos, de 1766 a 1780, o compositor austríaco tinha como uma das suas obrigações a escrita de uma ópera. Mas apesar das duas dezenas de obras compostas nesse género, o Haydn que habitualmente é interpretado nos dias de hoje é o das obras instrumentais, das sinfonias à música de câmara, e o das oratórias. Esta ópera não se manteve igualmente no repertório durante longos anos – a sua estreia moderna ocorreu em 1910, em Viena, mas a primeira gravação foi realizada apenas em 1976. A sua abertura, pelo contrário, foi publicada pouco depois da estreia, em 1779, e é quase a miniatura de uma sinfonia, com curtos 'andamentos' de diferentes caracteres que se sucedem sem interrupção – uma introdução lenta e misteriosa que coloca o ouvinte em estado de tensão; o tema principal em andamento muito vivo intercalado por uma curta secção mais melancólica e interrogativa; um minueto cortês que termina em suspensão; e o regresso ao tema vivo contagiante que dá por terminada esta abertura. O contraste de emoções e a espontaneidade na sua expressão transparecem em força ao longo da abertura e são exemplo do estilo *Sturm und Drang* (Tempestade e Ímpeto), oriundo da literatura alemã e com forte expressão no Classicismo vienense e em particular em obras de Haydn



nas décadas de 1760 e 70. Essas características encontram-se logo no motivo inicial da introdução, que repousa frequentemente em notas tensas, distantes da tonalidade; na agitação frenética que domina a secção principal em andamento vivo; e também na inconstância de andamento ao longo da abertura, procurando apanhar o ouvinte desprevenido no enredo de emoções.

FERNANDO PIRES DE LIMA, 2019

György Ligeti

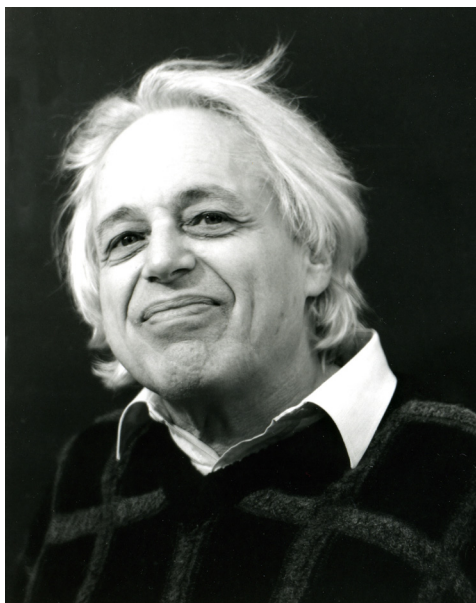
DICSŐSZENTMÁRTON (HOJE TÍRNÁVENI), 28 DE MAIO 1923

VIENA, 12 DE JUNHO 2006

Concerto para violoncelo

Ligeti escreveu, ao todo, quatro concertos para instrumento solista e orquestra: o *Concerto para violoncelo* (1966), que hoje ouvimos; o *Concerto para piano* (1988); o *Concerto para violino* (1993); e o *Concerto para trompa* (1999). Nenhum deles soa muito convencional, em especial porque todos rejeitam, de um modo ou outro, a ideia de oposição entre solista e orquestra que estava tão na base do género do concerto no século XIX; todos favorecem, em vez disso, uma maior integração entre os dois níveis. Mas de todos eles é o *Concerto para violoncelo*, sem dúvida, o menos convencional. Em certo sentido, é quase um anti-concerto, na medida em que, em grande parte da obra, o papel musical do solista não se diferencia claramente do dos músicos da orquestra. Não fosse a separação visual do solista em palco e alguns momentos de mais assumido virtuosismo, seria quase impossível adivinhar que se trata efectivamente de um concerto, e não de uma peça para orquestra em que o violoncelo toca bastante. (Já nos outros concertos de Ligeti, o solista está em muito mais evidente posição de destaque.)

Há certamente um lado provocador nesta opção do compositor. Ligeti sempre apreciou um lado irónico e até absurdo da música, e chegou até, no início da década de 1960, a participar no movimento Fluxus, um movimento anti-Arte (pelo menos contra a arte tradicional) ao qual pertencia também John Cage. São dessa altura obras como *Três Bagatelas* (1961), para piano, que tem apenas uma nota, após a qual o pianista fica em silêncio; uma “provo-



cação musical” intitulada *O futuro da música* (1961) – basicamente uma conferência de Ligeti em que este nada dizia, sendo a “música” constituída pelos protestos da audiência; e o mencionado *Poema sinfónico para 100 metrónomos* (1962). Mas é preciso lembrar também que, nas décadas de 1950 e 60, o género do concerto tinha caído em desuso nos círculos da vanguarda, por carregar demasiadas conotações com o passado romântico, pelo que, quando os compositores se dedicavam a ele, faziam-no frequentemente de formas não convencionais.

E se há um lado irónico nesta obra, é mais na atitude perante o género, e não tanto no carácter da música em si, que é predominantemente sério – ainda que em duas matizes muito distintas, correspondentes a cada um dos andamentos em que a obra se divide. O primeiro andamento é, assim, um dos mais contemplativos e lentos de toda a obra de Ligeti, começando com uma nota estática no solista, que gradualmente se alarga à orquestra criando

um jogo subtil e mágico de cores sonoras em lenta mutação; já o segundo andamento, ainda que comece relativamente sereno, rapidamente se torna hiperactivo, frenético e histérico, contendo uma sucessão rápida de gestos contrastantes, cada um deles muito marcado. Essa oposição entre o contínuo e o descontínuo é, de resto, muito típica da música de Ligeti dos anos 60 (compare-se *Lontano* ou *Atmosphères*, do lado mais contínuo, a *Aventures* ou *Nouvelles Aventures*, do lado descontínuo), ainda que essa oposição raras vezes tenha sido explorada *na mesma obra* de modo tão radical quanto aqui.

DANIEL MOREIRA, 2019

Wolfgang Amadeus Mozart

SALZBURGO, 27 DE JANEIRO 1756

VIENA, 5 DE DEZEMBRO 1791

Sinfonia em Dó maior, KV 425, “Linz”

Os subtítulos de diversas obras de Mozart são reveladores das muitas viagens de carácter profissional que fez desde muito pequenino. Só nas sinfonias, encontramos Paris, Praga ou Linz, por exemplo. Mas Mozart viajou por toda a Europa Central e incluiu Itália em mais do que um desses *tours*. Em muitas dessas viagens, escrevia música para concertos que iam surgindo e muitas vezes encontrava inspiração nas qualidades musicais dos intérpretes que conhecia e tinha ao seu dispor.

Corria o ano de 1783 e Mozart regressava de Salzburgo, onde tinha ido apresentar a sua noiva ao pai, para Viena, onde residia. Depois de paragens em Vöcklaburg, Lambach e Ebelsberg, os noivos chegaram a Linz, onde, às portas da cidade, os esperava um criado do Conde Johann Thun-Hohenstein, velho amigo da família. No dia seguinte, a 31 de Outubro, Mozart escreveu uma carta ao pai onde dava conta da necessidade urgente de compor uma sinfonia num prazo extremamente apertado. Era para apresentar num concerto no dia 4 de Novembro, organizado pelo conde, e como não levava na bagagem nenhuma obra do género teria de escrever uma. A inspiração do compositor estava ao rubro. Queria por certo agradar à sua audiência e sabia que tinha ao dispor uma orquestra de primeira qualidade. Começou pela primeira vez uma sinfonia com uma introdução lenta. Num arpejo ascendente e com ritmos pontuados, iniciou num estilo declamatório e majestoso. Depois, fazendo uso da repetição de notas num ritmo sempre igual, um recurso que geralmente é utilizado



invenção harmónica é igualmente surpreendente. Segue-se um breve minueto e trio como terceiro andamento. De grande simplicidade e discrição, tem no protagonismo partilhado entre o oboé, o fagote e o violino, no trio, o seu momento mais encantador.

O último andamento apresenta um turbilhão de pequenas ideias num sinal de contínua inspiração e resulta numa dramaturgia brilhante como só Mozart sabia fazer, nomeadamente através de momentos em que as harmonias parecem reduzir a luminosidade da música. O desenvolvimento explora um simples acorde de Sol maior mas a forma como o seu movimento descendente e quebrado (em ziguezague) contagia todos os instrumentos é genial. Este *presto* termina subitamente, sem coda.

RUI PEREIRA, 2012

para demonstrar a força imparável da música (e do tempo), conduz a melodia pelos primeiros e segundos violinos, os dois oboés e os dois fagotes em pequenos apontamentos plenos de requinte que se estendem, e isto é notável, às linhas dos violoncelos e contrabaixos. O *Allegro spiritoso* prossegue a ideia do acompanhamento rítmico em notas repetidas, recorrendo, depois, a linhas dos baixos bem movimentadas. O tom geral é de boa disposição, mas por vezes surgem alguns compassos de maior cromatismo nas madeiras, às quais as cordas respondem com suspiros interrompidos por breves pausas.

A entrada inicial da melodia no *Andante*, tocada pelos violinos, revela estarmos perante um ritmo de siciliana, um dos preferidos de Mozart e que sempre deu bons resultados nas suas composições. A grande novidade deste *Andante* é a inclusão de trompetes e tímpanos num andamento lento, algo que terá aberto a porta a outros compositores como Haydn e Beethoven, sendo que a sua

Pedro Carneiro direcção musical

Considerado pela crítica internacional um dos mais importantes percussionistas e dos mais originais músicos da actualidade, Pedro Carneiro toca, dirige, compõe e lecciona.

Foi solista convidado de algumas das mais prestigiadas orquestras internacionais, incluindo a Filarmónica de Los Angeles, a Orquestra Nacional da BBC do País de Gales e a Orquestra de Câmara de Viena – sob a direcção de maestros como Gustavo Dudamel, Oliver Knussen, John Neschling e Christian Lindberg.

É co-fundador, director artístico e maestro titular da Orquestra de Câmara Portuguesa e da Jovem Orquestra Portuguesa, que dirigiu em diversas digressões europeias.

Foi bolseiro da Fundação Gulbenkian na Guildhall School (Londres), em percussão e direcção de orquestra, e seguiu os cursos de direcção de Emilio Pomàrico, na Accademia Internazionale della Musica de Milão.

Recebeu vários prémios, destacando-se o Prémio Gulbenkian Arte 2011 e a nomeação para o Prémio Autores 2016, da Sociedade Portuguesa de Autores, para o “Melhor Trabalho de Música Erudita”, pelo concerto na Konzerthaus de Berlim com a Jovem Orquestra Portuguesa.

Filipe Quaresma violoncelo

Filipe Quaresma (1980) concilia a sua intensa carreira a solo e de música de câmara com a actividade de professor de violoncelo na ESMAE/IPP, o lugar de primeiro violoncelo na Orquestra Barroca Casa da Música e do Darcos Ensemble, o Remix Ensemble Casa da Música, o Sond’Ar-te Electric Ensemble e a Orchestre Révolutionnaire et Romantique de Sir John Eliot Gardiner.

Já se apresentou nas principais salas portuguesas e europeias, entre as quais se destacam Casa da Música, Fundação Gulbenkian, CCB, Carnegie Hall de Nova Iorque, Elbphilharmonie de Hamburgo, Philharmonie de Paris, Berliner Philharmoniker, Royal Albert Hall, Wigmore Hall, Concertgebouw, Tonhalle de Zurique, Konzerthaus de Viena, Musikverein, Philharmonie do Luxemburgo e Palau de la Musica de Barcelona, trabalhando com os mais prestigiados músicos portugueses e estrangeiros da actualidade.

Estudou na EPABI (Covilhã) com Rogério Peixinho, na Royal Academy of Music (Londres) com David Strange e Mats Lidström, e na Scuola di Musica di Fiesole (Itália) com Natalia Gutman. Obteve vários prémios e bolsas de estudo de prestígio nacional e internacional, sendo de destacar o título ARAM (Associate Royal Academy of Music), atribuído em 2010.

A sua discografia é extensa, sempre com as melhores críticas, destacando-se *Sonatas for cello and piano* (2017) com o pianista António Rosado, e, pela etiqueta norte-americana ODRADEK (2018), o CD com o *Concerto para violoncelo e orquestra* de Luís Tinoco, gravado ao vivo na sua estreia no CCB em 2017.

Filipe Quaresma toca com um violoncelo de Christian Bayon e um violoncelo barroco de António Capela.

Orquestra de Câmara Portuguesa

Pedro Carneiro director artístico

A Orquestra de Câmara Portuguesa – Associação Musical tem como missão ser um fórum artístico enriquecido com uma visão pluridisciplinar da arte musical e performativa.

A acção da OCP projecta-se também através de projectos de cidadania inclusiva originais como o “Notas de Contacto – a OCPsolidária na Cercioeiras”; “Novos Horizontes – a OCPsolidária no Bairro dos Navegadores”, “Sementes OCP”, no Centro Social 6 de Maio e na APAC de Barcelos. Destaca-se ainda a OCPdois dedicada a projectos que cruzam o mundo dos músicos profissionais com os membros de orquestras filarmónicas, e refira-se ainda que esteve na base da fundação da Orquestra Académica da Universidade de Lisboa. A OCP fundou e promove o projecto mais ambicioso de jovens no país, e em 2010 fez nascer a Jovem Orquestra Portuguesa (JOP), representante de Portugal na Federação Europeia de Jovens Orquestras Nacionais (EFNYO), que se destaca pelas internacionalizações anuais em salas e festivais de grande prestígio como o Ateneu de Bucaresta ou a Konzerthaus de Berlim, no Festival Young Euro Classic.

A OCP foi fundada por Pedro Carneiro, Teresa Simas, Alexandre Dias e José Augusto Carneiro, em 2007. A direcção artística é assegurada por Pedro Carneiro, que lidera a mais recente e virtuosa geração de instrumentistas. A OCP é presença assídua nos Dias da Música em Belém, abrindo espaço a novos solistas e maestros. Trabalhou ainda com artistas e criadores de renome nacional e internacional, incluindo Emmanuel Nunes, Sofia Gubaidulina, Miguel Azguime, Jorge Moyano, Cristina Ortiz, Sergio Tiempo, Gary Hoffman, Filipe Pinto-Ribeiro,

Carlos Alves, Heinrich Schiff, António Rosado, Artur Pizarro e Tatiana Samouil, entre outros. Internacionalizou-se em 2010 no City of London Festival, com 4 estrelas no *The Times*. Tem actuado por todo o país em municípios como: Alcobça, Almada, Batalha, Benedita, Castelo Branco, Coimbra, Lagoa, Leiria, Lisboa, Portimão, Porto, Seia, Setúbal, Tomar, Vila Viçosa; e em festivais como o Cistermúsica, o Festival Internacional de Paços de Brandão, o Festival das Artes em Coimbra e o Festival ao Largo.

Flauta

Rui Maia

Oboé

Carla Duarte

David Costa

Clarinete

Miguel Costa

Ana Maria Santos

Fagote

Ricardo Santos

António Andrade

Trompa

Luís Sousa

Pedro Pereira

Trompete

Óscar Carmo

Paulo Fernandes

Trombone

Paulo Alves

Harpa

Salomé Matos

Tímpanos

Marco Santos

Violino

Pedro Lopes

Rodrigo Gomes

Sara Llano

Frederico Lourenço

Natália Konik

Sofia Ruivo

Witold Dziuba

Vítor Damião

Sara Silva

Tiago Afonso

Maria Santos

Viola

Gabriela Barros

Marta Mestre

Mariana Morais Vieira

Eliezer Roman

Violoncelo

Luís André Ferreira

Ângela Carneiro

César Gonçalves

Luís Cruz

Contrabaixo

Álvaro Rosso

Vanessa Lima

PRÓXIMOS CONCERTOS

17-19 MAI

ECHO RISING STARS

17 MAI SEX · 21:00 SALA 2

QUATUOR AROD

Bozar Brussels e Het Concertgebouw Amsterdam

apresentam: **Quatuor Arod**

18 MAI SÁB · 12:00 SALA 2

AMATIS TRIO

Festspielhaus Baden-Baden, Kölner Philharmonie,
Konzerthaus Dortmund e Elbphilharmonie Hamburg

apresentam: **Amatis Trio**

18 MAI SÁB · 16:00 SALA 2

ANAÏS GAUDEMARD

Philharmonie de Paris e Fundação Calouste Gulbenkian

apresentam: **Anaïs Gaudemard harpa**

19 MAI DOM · 16:00 SALA 2

KIAN SOLTANI NATHALIA MILSTEIN

Wiener Konzerthaus e Musikverein Wien apresentam:

Kian Soltani violoncelo

Nathalia Milstein piano

19 MAI DOM · 18:00 SALA 2

JOSEP RAMON OLIVÉ

L'Auditori Barcelona e

Palau de la Música Catalana apresentam:

Josep Ramon Olivé barítono

Ian Tindale piano

MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA
DO PORTO CASA DA MÚSICA

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL
CASA DA MÚSICA

